



KEVIN DEYOUNG

O PAI-NOSSO

Aprendendo com Jesus sobre o que, por que e como orar

O Pai-Nosso é o ensinamento mais importante de todos os tempos sobre como falar com Deus. Por isso, é um tema de interesse universal e perene para os seguidores de Jesus. É fácil de aprender, mas infinitamente profundo. Muitos já refletiram sobre essa oração com tamanha intensidade e profundidade, mas, ainda assim, não há autor capaz de explicar todas as suas riquezas. Kevin DeYoung acrescenta mais um volume importante à biblioteca da igreja sobre essa oração. Seu livro traz novidades, mas não tenta ser brilhante; é contemporâneo sem esquecer da história da igreja, e conciso sem ser simplista. É exatamente o tipo de obra que espero da pena de DeYoung, e mostra por que as pessoas acham sua pregação e sua escrita edificantes.

Donald S. Whitney, professor de Espiritualidade Bíblica e reitor associado do Southern Baptist Theological Seminary e autor de *Family Worship; Praying the Bible e Spiritual disciplines for the Christian life.*

O Pai-Nosso é familiar para muitos de nós, mas até que ponto entendemos de fato cada uma de suas frases? Os estudos especializados sobre o Pai-Nosso às vezes são surpreendentemente completos. Aqui temos uma exposição clara, repleta de graça e prática, que beneficiará leitores de todos os níveis. O autor ajuda o leitor a ver o lugar dessa oração no contexto de toda a Escritura e como ela se relaciona com Cristo.

Brandon D. Cowe, professor de Novo Testamento no Westminster Theological Institute.

Orar o Pai-Nosso é parte de um podcast diário sobre liturgia que acompanho. Espero ansiosamente por esse momento como um dos pontos altos do dia, e nunca parece um ritual. O livro de Kevin DeYoung me encoraja em minha rotina, acende minha paixão pelo Pai-Nosso e solidifica meu entendimento dos pedidos que profiro alegremente. O Pai-Nosso é claro e direto, conciso e profundo —

e o mesmo pode ser dito desse livro que recomendo vivamente de DeYoung!

Gregg R. Allison, professor de Teologia Cristã, Southern Baptist Theological Seminary e autor de *Eclesiologia*, *Teologia e prática da igreja católica romana*, *Teologia histórica* e *Teologia do corpo* (Vida Nova).

Kevin DeYoung nos oferece uma visão breve, encorajadora e perspicaz sobre o Pai-Nosso. Ele reúne suas meditações pessoais e aprendizados e acrescenta algumas ideias sobre essa oração oriundas da sabedoria coletiva do passado. O resultado é o que esperaríamos de DeYoung: um ensino pastoral simples (sem ser simplista), inspirador e bíblico sobre a oração mais conhecida proferida pelos lábios de nosso Senhor.

Miguel Núñez, pastor-educador na igreja International Baptist Church em Santo Domingo, República Dominicana, e presidente-fundador de Wisdom & Integrity Ministries.

Em sua exposição do Pai-Nosso, DeYoung nos lembra de que uma visão gloriosa do nosso Deus nos leva a orar. Ele explica as palavras de nosso Senhor Jesus para que saibamos o que pedir. Sem nos limitar a uma única forma, Kevin nos mostra que o modelo de oração de Jesus apresenta justamente o fundamento de que necessitamos para que tenhamos uma vida de comunhão com o Deus vivo em oração. Se você quiser crescer em oração, pegue esse livro e o leia. Em seguida, coloque-o em prática.

Juan R. Sanchez, pastor sênior na igreja High Pointe Baptist Church em Austin, Texas, autor de *The leadership formula*.

Embora um dos maiores privilégios que temos como cristãos seja nos achegarmos a nosso Pai celestial em oração, muitas vezes temos dificuldade para orar. *O Pai-Nosso* discorre inicialmente sobre como devemos orar, desenvolve o que Jesus nos ensinou a pedir e termina

com uma oração de exaltação crescente a Deus. O livro lhe dará uma ideia da grandeza de Deus que ouve nossas orações, incentivando-o a orar. Leia esse livro, depois leia-o novamente com alguém de sua igreja.

Keri Folmar, diretora do ministério de mulheres da igreja
United Christian Church de Dubai, autora de
The good portion: Scripture.

É verdade que a familiaridade resulta em desdém? Tomara que não, principalmente em se tratando do Pai-Nosso. Muitos cristãos sabem de cor a oração que Jesus ensinou, mas talvez não se deem conta do quanto ela pode impulsionar e também sustentar sua vida de oração, por vezes inerte. Com a clareza e profundidade habituais, Kevin DeYoung nos conduz pelo Pai-Nosso, revelando de que modo essa oração pode ser um fundamento para nossa comunhão com Deus. Portanto, pegue esse livro e o leia, porque ele o ajudará a promover uma fé mais profunda e um compromisso mais firme com o dom que é a oração.

Julius J. Kim, presidente da The Gospel Coalition e professor
de Teologia Prática no Westminster Seminary California.



SUMÁRIO

1	Quando você ora	13
2	Pai nosso	29
3	Nosso desejo	43
4	O pão nosso de cada dia	61
5	Nossas dívidas	79
6	Nossa súplica	93
7	Sua glória	109
	<i>Índice remissivo</i>	119
	<i>Índice de passagens bíblicas</i>	123



1

QUANDO VOCÊ ORA

Há, porventura, alguma atividade mais essencial à vida cristã e, ao mesmo tempo, mais desencorajadora *na* vida cristã, do que a oração?

Sabemos que é preciso orar. Queremos orar (ou, ao menos, “queremos querer” orar). Admiramos os que oram de verdade. E, no entanto, quando se trata de orar de fato, a maioria de nós se sente frustrada.

Se alguém nos perguntasse neste momento: “Como vai sua vida de oração?”, muito poucos ficariam contentes com a pergunta e confiantes em respondê-la. Gostaríamos de orar mais. Gostaríamos de orar por mais tempo. Gostaríamos de orar melhor. Aposto que nenhum de nós imagina chegar ao fim da vida com o seguinte pensamento: “Sabe de uma coisa? Estou muito satisfeito com minha vida de oração nesses anos todos”. É mais provável que concordemos com a pergunta de um pastor que li muitos anos atrás a respeito da vida e da oração: “Como é possível que uma coisa que faço tão mal seja a vontade de Deus para a minha vida?”.

Li muitos livros sobre oração no decorrer dos anos. Os melhores me deixam esperançoso e grato por saber que Deus me convida a orar. Muitos livros, porém, fazem com que até o cristão mais sincero se sinta derrotado por fazer outras coisas além de orar. Lembro-me de ler um clássico sobre oração no início do meu ministério. A princípio, foi inspirador, mas, ao

final, desanimador. É bem possível que o problema fosse meu coração, mas quando me lembro do livro, era uma exortação implacável a uma entrega cada vez mais intensa à oração. Em minha experiência, a ênfase incessante sobre o *dever* de orar mexe com o cristão inicialmente, mas desaparece rapidamente deixando em seu rastro mais culpa do que oração. Pode haver um breve período em que digamos, “Sim, vou orar mais”, mas, após algum tempo, tudo o que nos resta é uma culpa leve a moderada por não orar o suficiente.

Mas o Pai-Nosso é diferente. É uma oração que não reforça o desejo de orar — pelo menos não explicitamente. Ela nos ensina a orar.

Uma oração atemporal

É difícil exagerar a importância do Pai-Nosso. Ao longo da história da igreja, novos convertidos e crianças foram disciplinados principalmente em três áreas: o Credo dos Apóstolos, os Dez Mandamentos e o Pai-Nosso. Durante boa parte dos últimos dois mil anos, presumia-se que, se alguém era cristão, conhecia, memorizava e orava frequentemente o Pai-Nosso.

Embora o Pai-Nosso seja conhecido também como “oração do Senhor”, é mais razoável dizer que a “oração do Senhor” é a oração que encontramos em João 17. É a oração mais longa de Jesus Cristo registrada na Escritura. A oração que conhecemos como “o Pai-Nosso” não é a oração que Jesus orou (ao menos, não exatamente, pois como ele poderia dizer “Perdoa as nossas dívidas?”). Não. Ela é a oração que ele ensinou a seus discípulos.

Há duas versões do Pai-Nosso, uma em Lucas e, a mais conhecida, em Mateus. Não creio que uma oração dependa da outra. Uma explicação mais simples é que Jesus, como todo

pregador itinerante, ensinou as mesmas coisas várias vezes, com palavras diferentes e de maneiras ligeiramente distintas.

Em Lucas 11.1-2, o ensino de Jesus é dado em resposta ao pedido dos discípulos, “Senhor, ensina-nos a orar” (v. 1). Eles devem ter ouvido alguma coisa no jeito que Jesus orava que os fez pensar “Temos muito o que aprender”. Observe o que Jesus *não* disse em resposta ao seu pedido. Ele não os ensinou qual o tamanho ideal da oração, ou a que hora do dia eles deviam orar, ou quantas vezes ao dia deviam orar, ou o que deviam sentir na hora da oração, ou se deviam estar de pé, ou sentados, ou de joelhos, ou se deviam fechar os olhos e cruzar as mãos, ou se tinham de levantar as mãos e os olhos para o céu.

Não é que se preocupar com esse tipo de coisas esteja errado. Mas não há dúvida de que é pedagógico ver que Jesus estava mais preocupado com *o que* diziam na oração do que com quando ou onde ou durante quanto tempo oravam. Esta talvez seja a lição mais óbvia e mais importante que temos de aprender com Jesus sobre a oração. Podemos orar de manhã ou à noite, por pouco ou muito tempo, de olhos abertos ou fechados. Há liberdade em relação a numerosos elementos da oração. Contudo, (1) não devemos deixar de orar, e (2) devemos orar por aquilo que Jesus nos ensina a pedir.

A passagem de Mateus 6.5-9 é parte do célebre Sermão da Montanha (Mt 5—7). É provável que você já tivesse se dado conta disso antes. O que você talvez não tenha percebido é que essa seção do Sermão da Montanha compreende os três atos fundacionais da piedade judaica: dar esmolas (6.1-4), orar (6.5-15) e jejuar (6.16-18). Essas eram as “disciplinas espirituais” dos judeus do primeiro século (eles memorizavam boa parte da Bíblia, mas a maioria não podia ler diariamente porque grande parte da população era analfabeta, e as famílias não possuíam

em casa os rolos da Escritura). Se naquela época eles fizessem as tradicionais promessas de Ano Novo, prometeriam ajudar os pobres, orar e jejuar.

Diferentemente do ensinamento em Lucas, aqui em Mateus Jesus está preocupado não apenas com *o que* da oração, mas com *o como*. Especificamente, Jesus quer se certificar de que estamos orando pelas razões certas e movidos por um coração correto. Na verdade, essa é sua principal preocupação quando discorre sobre os três tipos de piedade. Quando você der aos necessitados, não faça estardalhaço por causa disso. Quando orar, não o faça para parecer piedoso aos olhos dos outros. E quando jejuar, não chame atenção sobre você. Jesus sabe do orgulho e da vaidade que habitam o coração humano. Ser religioso não significa que você deixou a vaidade de lado. Na verdade, ser religioso é uma das principais maneiras, em quase todas as culturas, pelas quais homens e mulheres encontram formas de alimentar seu orgulho e sua vaidade. Há, por acaso, forma melhor de parecer impressionante diante dos outros do que parecer *espiritualmente* impressionante?

Por isso, não pense nem sequer por um minuto: “Bom, sou cristão, vou à igreja, sou espiritual e religioso. Essas coisas não representam um perigo para mim”. Na verdade, essas realidades talvez signifiquem que corremos um perigo especial.

É claro que oramos

Antes de entrarmos nessa questão mais específica, porém, observe as primeiras três palavras de Mateus 6.5: “E, quando orardes...”. Jesus não precisa dizer a seus discípulos que eles têm de orar. Isso era ponto pacífico. Ele partia do princípio de que orariam e de que eles entendiam que a oração não era uma coisa para gente superespiritual, e sim uma coisa que todo judeu fazia.

Não pense: “Oração é coisa de pastores e de missionários” ou “Oração é uma coisa que farei quando for mais velho”. A oração é para todo aquele que é verdadeiro seguidor de Deus.

Embora seja difícil saber exatamente quando certas tradições judaicas se desenvolveram, parece claro que, na época de Jesus, havia orações na sinagoga três vezes ao dia.¹ Esse costume pode ter se originado da prática de Daniel de orar três vezes ao dia (Dn 6.10), ou talvez remeta a Salmos 55.17: “À tarde, de manhã e ao meio-dia me queixarei e me lamentarei; e ele ouvirá minha voz.” Geralmente, o momento de oração na sinagoga começava com uma recitação do Shemá (Dt 6.4) seguida das Dezoito Bênçãos. Essas bênçãos não estão em sua Bíblia, mas tratam de temas bíblicos. Na verdade, é possível ouvir ecos de parte de sua linguagem no Pai-Nosso. As bênçãos eram uma série de orações que pediam a Deus que abençoasse Israel. Não sabemos exatamente quando foram codificadas, mas é quase certo que o principal desenvolvimento da oração ocorreu antes da destruição do Templo em 70 d.C.²

Se for esse o caso, Jesus e seus discípulos estariam familiarizados com essas orações. Jesus podia supor não só que seus discípulos tivessem momentos de oração em particular (a exemplo de Jesus), como também, o que era óbvio, que participassem regularmente de momentos de oração comunitária (note as palavras “nosso” e “nos” no Pai-Nosso). Quando alguém lhe pergunta, “Como está sua vida de oração?”, provavelmente pensamos, “Como estou indo com meus devocionais todos os dias de manhã?”. Nada contra. Contudo, os discípulos de Jesus

¹Veja Charles M. Laymon, *The Lord's prayer in its biblical setting* (Nashville: Abingdon, 1968), p. 32-48.

²Veja David Instone-Brewer, “The eighteen benedictions and the minim before 70 CE”, *Journal of Theological Studies* 54 (Abril 2003): 25-44.